

AS PERSONAGENS EM *DE AMOR E DE SOMBRA*, DE ISABEL ALLENDE, NO CONTEXTO DA DITADURA CHILENA

 10.5935/2177-6644.20220038

THE CHARACTERS OF *LOVE AND SHADOWS*, BY ISABEL ALLENDE, IN CHILEAN DICTATORSHIP CONTEXT

LOS PERSONAJES DE LA NOVELA *DE AMOR Y DE SOMBRA*, POR ISABEL ALLENDE, EN EL CONTEXTO HISTÓRICO DE LA DICTADURA CHILENA

Laís Gerotto de Freitas Valentim *

 <https://orcid.org/0000-0002-4708-3128>

Helena Bonito Couto Pereira **

 <https://orcid.org/0000-0002-1642-5447>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como é representada a ditadura no livro *De amor e de sombra* (1991), romance de Isabel Allende. Por ser uma das obras pioneiras da carreira da autora, esse tema está muito presente e tem algumas personagens que sofrem as suas consequências. A análise feita nos permite considerar: a época em que a obra foi escrita e a personagem de Gustavo Morante, símbolo de resistência frente à situação política de seu país, o Chile, considerando também o núcleo do qual ela faz parte. A pesquisa é um desdobramento da Dissertação de Mestrado intitulada *O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende: uma análise*.

Palavras-chave: *De amor e de sombra*. Ditadura. Isabel Allende. Chile. Personagem.

Abstract: This paper aims to analyze the representation of dictatorship of book *Of love and Shadow* (1991), novel written by Isabel Allende. This opus, *Of love and Shadow*, is one of the pioneering of Isabel's career, in this, the topic of dictatorship is present at this moment, we consider some characters that suffer the consequences of military regime. This analysis considers the period of time lived in the opus and how Gustavo Morante proceed in this political situation of their country, Chile, considering another characters around him. This study is a result of Master Thesis intitled *O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende: uma análise*.

Key-words: *Of love and shadows*. Dictatorship. Isabel Allende. Chile. Character.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la dictadura presente nel libro *De amor e de sombra* (1991), novela de Isabel Allende. Como una de las obras más importantes y pioneras en la carrera de la autora, percibimos qué el tema de la dictadura está muy presente y algunas personajes sufrin las consecuencias. El análisis realizado permite analizar: la época en que se escribió la obra y el personaje Gustavo Morante, che é un símbolo de resistencia frente a la situación política de su país, Chile, considerando además el núcleo del qué forma parte. La investigación es un derivado de la Tesis de Maestría titulada *O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende; uma análise*.

Palabras-clave: *De amor y de sombra*. Dictadura. Isabel Allende. Chile. Personaje

* Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). 
<http://lattes.cnpq.br/7500993138637726> - E-mail: laisgfvalentim@yahoo.com.br.

** Doutora em Letras Modernas (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). 
<http://lattes.cnpq.br/9240687015870539> - E-mail: helenabonito.pereira@gmail.com.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar a personagem de Gustavo Morante no contexto da ditadura chilena, tema presente na obra *De amor e de sombra*, de Isabel Allende e lançada em 1984. Sendo Morante um capitão do exército das Forças Armadas Chilenas (FACH), ele tem por objetivo principal defender a pátria; porém, descobre um mundo obscuro por trás das Forças Armadas e passa a lutar contra isso. Algumas personagens, como os protagonistas Irene Beltrán e Francisco Leal e Evangelina Ranquileo, sofrem as consequências do regime, assim como o pai de Francisco, o Professor Leal, o qual é contra o militarismo; ao contrário de Beatriz Beltrán, mãe de Irene, que é a favor dos militares. Por conta disso, para embasar a pesquisa, veremos alguns excertos relacionados a esses seres ficticiais embora o foco seja Gustavo Morante.

Sobre Isabel Allende Llona¹, mais conhecida como Isabel Allende, é uma escritora chilena com obras de grande sucesso, dentre elas a que serve de base para a nossa pesquisa. Antes de ser escritora, porém, Isabel já tinha sido jornalista e professora. Filha do diplomata Tomás Allende Pesce, é prima em segundo grau, por parte de pai, do presidente deposto em 11 de setembro 1973 pelos militares, Salvador Allende. Este último foi assassinado no golpe militar que instaurou a ditadura no Chile. Por conta desse episódio, Isabel e sua família foram morar na Venezuela, onde ficaram por 15 anos – de 1973 a 1987. No ano de 1987, Isabel se separou de seu primeiro marido, Miguel Frías, e pai de seus dois filhos: Paula, morta em 1992 em razão de uma doença chamada porfiria, e Nicolás. Nos seus escritos, principalmente no nosso objeto de estudo, ela retrata cenários da ditadura e denuncia os horrores do período.

Isabel é uma das escritoras latino-americanas - e de língua espanhola - mais lidas no mundo (PUBLISHNEWS, 2020). Iniciou sua carreira no período do *Pós-Boom* latino-americano, ganhando muitos prêmios, como o *Prêmio Nacional de Literatura do Chile* em 2010, e obtendo o merecido reconhecimento até hoje. Uma das mais importantes condecorações que recebeu foi a Medalha Presidencial da Liberdade entregue pelo presidente dos Estados Unidos na época, Barack Obama, em 2014.

O estudo está dividido da seguinte maneira: introdução; breve explicação sobre romance histórico e historicidade; análise da personagem Gustavo Morante, com breve paráfrase sobre a obra, e levando em conta o cenário da ditadura presente no livro, juntamente com um resumo sobre a ditadura no Chile ao longo da análise, e conclusão.

¹ As informações gerais a respeito de Isabel Allende foram retiradas do seu site oficial, que consta nas referências bibliográficas.

A metodologia escolhida reforça a importância de tal tema, a ditadura, para pensarmos o cenário atual latino-americano. A pesquisa é de grande interesse para o mundo em que vivemos, quando ameaças de retrocesso institucional pairam em grande número de países.

Breve explicação sobre romance histórico e historicidade

Após uma breve explanação sobre romance histórico, passaremos à análise da obra. Importante ressaltar que o contexto sobre ditadura chilena será explicado ao longo da análise das personagens.

Antes da explanação, apresentamos considerações sobre romance histórico e historicidade, com base em textos de Esteves (2010) e White (2001). Esteves traça os contornos do romance histórico contemporâneo, embasando sua conceituação na obra de Tomás Eloy Martínez:

Atualmente [...] já não se dialoga com a história como verdade, mas como cultura, como tradição. Nesse sentido, o romance sobre a história tende a reconstruir, e reconstrução quer dizer recuperação do imaginário e das tradições culturais de uma determinada comunidade, que depois de se apropriar desses valores, lhes dá vida de outra forma (ESTEVES, 2010, p. 23).

Talvez pareça estranho classificar como romance histórico uma obra de ficção que se passa a poucos anos de distância dos fatos narrados. Todavia, a retomada da história permite à ficção construir outras versões sobre os fatos, opondo-se ao discurso oficial propalado por agentes do poder que, de modo geral – em especial nos regimes autoritários – censuram e ao mesmo tempo camuflam situações de arbítrio e violência, que não podem chegar ao conhecimento público. Desse modo, pela ficção os leitores têm acesso a fatos que, sem ter compromisso com a verdade, pois são recriados em linguagem artística, conduzem a visões críticas e reflexões que dificilmente ganhariam forma em outras circunstâncias.

Além disso, cada registro histórico configura eventos em narrativas que podem ser compreendidas pelos estudiosos e pelo público em geral, porém o historiador “pode falhar”, como observa White (2001, p. 101). E ele prossegue:

A maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes. [...] O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de um enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se, essencialmente, de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção (WHITE, 2001, p. 101-102).

Desse modo, história e ficção aproximam-se por consistirem em relatos baseados em fatos ocorridos, porém distanciam-se na medida em que a ficção usufrui toda a liberdade proporcionada

pelo exercício criativo, sem compromisso com a verdade. Paradoxalmente, tal liberdade permite ao romance histórico dar a conhecer, figuradamente – por meio de metáforas, alegorias, elipses e outros recursos literários – versões dos fatos muito próximas do real, desvendando o que pode ter sido intencionalmente camuflado pelos agentes do poder.

O conceito de historicidade, associado a mito e história na América Latina, é de grande relevância para o entendimento de *De amor e de sombra*. Trevisan afirma que o mito e a história se confundem na literatura latino-americana, sendo que:

No caso dos escritores latino-americanos, que possuem o elemento mítico tantas vezes inserido na sua historicidade, a utilização dos mitos significa mais um componente na busca de uma reflexão sobre suas particularidades históricas. Mito e história não se opõem na literatura americana, estão conjugados, pois remetem às fundações utópicas da própria ideia de América, da descoberta e conquista dos povos americanos (TREVISAN, 2014, p. 6).

Gabriel García Márquez e tantos outros escritores latino-americanos utilizam-se da história e dos mitos em suas obras para narrá-las e, com isso, construíram uma historicidade que, segundo Trevisan, acontece, principalmente, em *Cem anos de solidão*:

As referências históricas aos descobrimentos, às colonizações ou mesmo aos movimentos de independências, que se rearticulam no interior da cidade de Macondo, juntamente com as peripécias da estirpe dos Buendia, têm ocupado estudos literários há 40 anos (TREVISAN, 2014, p. 6).

Uma breve definição de historicidade é, de acordo com o dicionário *Priberam on-line* da Língua Portuguesa: “qualidade do que é histórico, historicismo” (HISTORICIDADE. In: PRIBERAM on-line, 2021). E é exatamente o que *Cem anos de solidão* demonstra ser: um romance histórico, que atravessa gerações e tem muitos significados para a cultura latino-americana. Retomando a citação acima, podemos considerar que existe um encantamento do leitor para com essa obra de García Márquez e, a cada análise, a cada estudo, a cada leitura uma desconstrução é feita do romance:

[..] vale ressaltar que cada vez que essa pequena cidade imaginária se constrói e se destrói diante dos olhares de seus personagens e de seu leitor derradeiro, cada vez que esse romance escrito e circunscrito na esfera da leitura e da escritura se instaura, entendemos que estamos diante de um deslumbramento (TREVISAN, 2014, p. 6).

Gustavo Morante: o militar contra a ditadura

De amor e de sombra (1991) é a segunda obra escrita por Isabel Allende e foi lançada em 1984. Dez anos depois, ganhou uma versão cinematográfica dirigida por Betty Kaplan e com Jennifer Connelly e Antonio Banderas nos papéis principais. A narrativa conta a história de Irene Beltrán, uma jornalista que trabalha na redação de uma revista de moda e que está noiva de Gustavo

Morante, capitão do exército e seu primo. Com a mãe, Beatriz, não tem um bom relacionamento, mas é a alegria do asilo instalado na parte debaixo da sua casa, pois é simpática com todos, atenciosa e sempre alegre. Rosa, a empregada, tem Irene como uma filha. Desde que o pai de Irene, Eusébio, fugiu, sua mãe amargurou-se e ambas passaram por algumas dificuldades, por isso a criação do asilo. De família aristocrática, sempre foi colocada em uma “redoma de vidro” e alheia aos problemas do país e do mundo. Francisco, ao contrário de Irene, é de família pobre e humilde, porém muito unida e generosa, dá-se bem com os irmãos, e seu pai, imigrante espanhol assim como a sua mãe, é professor universitário e anarquista. Francisco é formado em psicologia, com Doutorado na mesma área e inglês, cursos obtidos no exterior. Atingido pela crise que assolava o país, deixou a clínica onde trabalhava e viu na fotografia uma forma de ganhar dinheiro para ajudar a sua família. Com um curso de fotógrafo e por incentivo de sua mãe, buscou emprego nessa área e foi contratado por Irene para a redação do jornal. Ambos, a partir de uma reportagem rotineira sobre Evangelina Ranquileo, menina que tem ataques e quem as pessoas acreditam que é milagrosa e cura os demais, começam a se aproximar, apaixonam-se e iniciam um relacionamento. Antes de se relacionarem, tinham entre si uma grande amizade, mas Francisco sempre foi apaixonado por Irene, a qual só despertou para o amor a ele depois.

A obra é dividida em três partes: Outra primavera (parte 1), As sombras (parte 2) e Doce Pátria (parte 3). Vejamos seus significados: Primavera simboliza renascimento, é a estação das flores e, no livro, podemos dizer que seria o “renascimento” de Irene para uma vida, um mundo que ela não conhecia – o das opressões a que seu povo era submetido. Essa descoberta deveu-se aos ataques de Evangelina Ranquileo, a quem Irene passa a acompanhar. As sombras seriam a repressão do regime ditatorial e suas consequências para o país, pois outras personagens sofrem com agressões e tortura institucionalizada pelo governo militar. Doce Pátria é a terceira e última parte do livro, o título seria um misto de ironia com tristeza, pois o exílio parece ser a única saída para o casal de protagonistas. Irene, principalmente, por amar tanto o seu país e ter colaborado com a queda do serviço secreto, sofre muito por ter de deixar o lugar que ama e, conseqüentemente, sua profissão, seus amigos e familiares e sua cidade. Para Francisco, também não é fácil o exílio, mas era algo que ele já previra. Afinal, que doce pátria é essa que maltrata os seus habitantes? Seria doce porque na lembrança dos dois ficarão os bons momentos que viveram com aqueles que amam, mas nunca se apagarão os horrores que viveram na ditadura.

Beatriz comemora o golpe militar, apoia o autoritarismo no poder e não vê, ou melhor, não quer ver a realidade em que vive o seu país. Um dos motivos pelo qual não gosta de Francisco é a

diferença de classes sociais entre ele e sua filha. Ela o acha atraente e sedutor, mas considera-o com um *status* inferior ao de Gustavo Morante:

Sua filha Irene frequentava gente bastante estranha e ela não a contestava, visto que de qualquer maneira se revelava inútil fazê-lo, mas se opôs como pôde à amizade com Francisco. Não gostava de ver Irene em feliz camaradagem com ele, unidos pelos fortes laços do trabalho compartilhado e, muito menos, imaginar suas consequências para o noivado com o capitão. Considerava-o perigoso porque até ela mesma se sentia atraída pelos olhos escuros, por suas mãos grandes e pela voz serena do fotógrafo. Por sua vez, Francisco percebeu ao primeiro olhar os preconceitos de classe e a ideologia de Beatriz. Limitou-se a dar-lhe um tratamento cortês e distante, lamentando que fosse mãe de sua melhor amiga (ALLENDE, 1991, p. 46).

Dizemos que Beatriz era hipócrita porque apoiava o regime militar, que lhe era conveniente; dizia amar o seu país, mas não a ponto de fazer doações:

Como tantos outros durante o governo anterior, Beatriz Alcántara havia saído à rua batendo panelas em sinal de protesto. Foi favorável ao Golpe Militar porque lhe parecia mil vezes preferível a um regime socialista e, quando lançaram o bombardeio aéreo do antigo Palácio dos Presidentes, ela abriu uma garrafa de champanhe para celebrá-lo. Ardida de fervor patriótico, mas seu entusiasmo não a atingiu a ponto de doar as jóias ao fundo de reconstrução nacional, pois temia que elas servissem para enfeitar as esposas dos coronéis, como fofocavam as más línguas (ALLENDE, 1991, p. 263).

Rosa, empregada de Beatriz, criou Irene desde pequena, tinha-a como uma filha e sempre a defendia da mãe, mas via com simpatia o casamento da moça com o capitão Morante:

- Por que não falas com minha filha, Rosa? Acho que te dá mais atenção do que a mim. Rosa pousou a faca sobre a mesa e observou sua patroa sem simpatia. Por princípio sempre estava em desacordo com ela, sobretudo no que dizia respeito a Irene. Não aceitava críticas a sua menina, mas admitiu que neste caso a mãe tinha razão. Também lhe agradaria vê-la vestida com véu vaporoso e flores virginais, saindo de braço dado com o Capitão Gustavo Morante pela porta da igreja entre duas alas de espadas erguidas (ALLENDE, 1991, p. 16).

Beatriz era a favor do casamento de Irene com Gustavo Morante e, por acreditar que esse casamento iria salvá-las da condição atual em que viviam, desejava que o fizessem logo. Entretanto, Irene tinha horror ao casamento mesmo não admitindo e seu noivo gostava muito mais dela que o contrário. Esse noivado continuava por comodismo e por estarem prometidos um ao outro desde pequenos.

Quem também era totalmente contra a ditadura militar era o Professor Leal, pai do protagonista Francisco. O professor Leal discursava a quem quisesse ouvir sobre os horrores do período e transmitiu a seus filhos a importância de lutar contra a opressão:

- Os governos são intrinsecamente corruptos e devem ser suprimidos. Garantem a liberdade dos ricos baseada na propriedade e escravizavam os demais na miséria – perorava perante a assombrada Irene.
- Para quem fugiu de uma ditadura e agora vive em outra, o ódio à autoridade é um inconveniente grave – observou José um tanto entediado porque passara anos ouvindo a mesma oratória inflamada (ALLENDE, 1991, p. 106-107).

Ele entende que o Estado deve amparar a população e gosta da vitória de Salvador Allende, o qual é citado na obra indiretamente, na eleição pelo fato de o povo ter o poder e não ser necessário violência para se chegar a ele:

Passou alguns anos fora, ao cabo dos quais obteve um doutorado e um aceitável domínio do inglês. Para subsistir lavava pratos num restaurante e fotografava festas de pouca importância nos bairros de imigrantes.

Entretanto, seu país estava em plena ebulição política e no ano de seu regresso ganhava as eleições um candidato socialista. Apesar dos prognósticos pessimistas e das conspirações para impedi-lo, sentou-se na cadeira presidencial diante do estupor da embaixada americana. Francisco nunca havia visto seu pai tão feliz.

- Vês, filho? Não é necessário o fuzil.

- Tu eras anarquista, velho. Teu partido não está no governo – brincava Francisco.

- Isso são sutilezas! O importante é que o povo tem o poder e jamais poderão arrebatá-lo (ALLENDE, 1991, p. 218).

E, de fato, o Professor Leal tem razão, pois, historicamente, a população chilena luta pacificamente, sem a utilização de armas para conquistar os seus direitos, é o que diz Joan Garcés: “Os trabalhadores chilenos não tinham chegado ao governo pelo enfrentamento armado. Nem por aí poderiam defender melhor suas conquistas e progredir na direção da obtenção de seus objetivos históricos” (GARCÉS, 1993, p. 326).

Prosseguindo na luta por direitos e esclarecimentos, Irene e Francisco passam a investigar o caso Evangelina Ranquileo, torturada pelo regime, para a matéria ser publicada na revista em que trabalham. O caso ganha repercussão nacional após a investigação dos dois e após o seguinte episódio: Evangelina tem um ataque e junta curiosos a sua volta, Irene e Francisco estão ao seu lado acompanhando e o exército invade a casa da menina. Pradelio, irmão de Evangelina, preocupado com ela - e, ao que tudo indica, apaixonado por ela - presencia a cena em que a irmã está tendo os ataques. Então, um soldado decide torturá-la e, ao segurá-la, ela dá-lhe uma bofetada que o joga longe. Quando estava tudo preparado para o ataque dos militares, Evangelina desbanca-os e surpreende a todos com essa atitude. Irene, então, desmaia e é socorrida por Francisco. A partir daí, começa a busca dos dois para descobrir onde está a menina, já que após um tempo desse episódio, ela some e, como se descobre depois, é morta pelos soldados do regime militar. Irene e Francisco começam a investigar desaparecimentos e mortes:

Irene Beltrán viveu até então protegida numa ignorância angelical, não por inércia ou estupidez, mas por ser essa a norma em seu meio. Como sua mãe e tantos outros de sua classe social, refugiava-se no mundo ordenado e agradável do bairro alto, dos balneários privativos das canchas de esqui, dos verões no campo. Educaram-na para negar as evidências desfavoráveis, descartando-as como sinais enganosos. Teve uma vez a experiência de ver pararem um automóvel e vários homens se lançarem sobre um pedestre, fazendo com que entrasse à força no veículo; sentiu de longe a fumaça das fogueiras queimando livros proibidos; adivinhou as formas de um corpo humano boiando nas turvas águas do canal. Certas noites ouvia a marcha das patrulhas e o barulho dos helicópteros

zumbindo no céu. Abaixou-se para socorrer na rua alguém desmaiado de fome (ALLENDE, 1991, p. 127).

Alienada, a princípio, dos acontecimentos no seu país, Irene muda ao conhecer Evangelina: a protagonista surpreende o leitor, passa a investigar o caso juntamente com Francisco, quem insistiu muito para que ela pudesse ver o que estava acontecendo além do seu mundo:

Francisco regozijou-se silenciosamente pela ausência de Beatriz e do Noivo da Morte, satisfeito por se encontrar a sós com Irene.

- E agora, amiga, conte-me porque estás triste.

- Porque até agora vivi sonhando e tenho medo de despertar.

Irene Beltrán foi uma menina mimada, única filha de pais endinheirados, protegida do contato com o mundo e até das inquietações de seu próprio coração. Agrados, mimos, carícias, colégio inglês para senhoritas, universidade católica, muito cuidado com as notícias da imprensa e da televisão, há tanta maldade e violência, é melhor mantê-la à margem dessas coisas, então irá sofrer mais tarde, é inevitável, mas deixemos que tenha uma infância feliz, dorme minha menina que tua mamãe está te cuidando (ALLENDE, 1991, p. 153-154).

Irene havia sido criada para ser o espelho da mãe: Fútil, presa ao lar e ao marido, e não ter atividades profissionais; entretanto, ela gostava de investigar desde sempre e isso fez com que se formasse em jornalismo e conhecesse Francisco, que era totalmente o oposto de sua família: homem trabalhador, de bem, perspicaz, com formação intelectual e com valores morais que herdou de seu pai – característica da sua família – e não materiais – característica da família dela.

Perceber o contraste entre os protagonistas é interessante, porque são pessoas de mundo totalmente diferentes, mas pelo amor que os une, aprendem a conviver entre si. Contudo, Irene é quem mais surpreende o leitor, pois rompe com os seus padrões e costumes e passa a enxergar o mundo de outra forma, além de enfrentar os desafios.

Retomando a parte das investigações, Gustavo Morante também passa a ter um papel decisivo. Ao visitar Irene no hospital após ela ser baleada pelos soldados do regime militar, Francisco conversa com ele:

Esqueceu por completo que o outro era um oficial do Exército e só pôde vê-lo como um homem sofrendo pela mulher que ele também amava.

- Quero saber o que aconteceu – pediu Morante inclinando a cabeça, descomposto.

E Francisco Leal lhe contou, sem omitir sua própria participação na descoberta dos cadáveres, esperando que o amor por Irene superasse a lealdade ao uniforme (ALLENDE, 1991, p. 266).

E continua, em outra passagem, a conversa com Gustavo:

Francisco também contou ao capitão sobre Evangelina Ranquileo, a morte sem explicação do Sargento Rivera, o desaparecimento de Pradelio e a família Flores, os massacres de camponeses, o Tenente Juan de Dios Ramíres e tudo o mais que lhe veio à mente, pondo de lado a prudência que carregou como uma segunda pele durante vários anos. Esvaziou a raiva acumulada em tanto tempo de silêncio e lhe mostrou a outra face do governo – a que o oficial não via porque se achava fora do cerco – sem esquecer os torturados, os mortos, os

pobres irremediáveis e os ricos repartindo entre si a pátria como um negócio a mais, enquanto o capitão, pálido e mudo, escutava o que jamais teria tolerado que se dissesse em sua presença (ALLENDE, 1991, p. 267).

Seria Gustavo Morante um soldado-melancia? Essa expressão, soldado-melancia, foi citada por Roberto Simon em seu livro *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a guerra fria na América do Sul* (2021). Essa denominação significa que a pessoa era vermelha por dentro e verde por fora conforme afirma o trecho:

‘Cerca de 30%’ dos oficiais das Forças Aéreas do Chile (FACH) eram ‘esquerdistas’ – entre chilenos, falava-se nos ‘soldados-melancia’: verdes por fora, vermelhos por dentro. [...] Além da FACH e da polícia, continuava o Itamaraty, os tentáculos do comunismo agora envolviam as principais universidades do país, à exceção da Católica (SIMON, 2021, p. 76).

Para o opressor, qualquer um que seja contra a ditadura é considerado comunista e esquerdista e, como o Brasil apoiou o golpe em Salvador Allende segundo afirma Simon (2021), o Itamaraty acreditava que parte das FACH e da polícia chilena eram “soldados-melancia”, contra o governo do ditador chileno Augusto Pinochet.

Em meio às investigações, Gustavo conheceu uma face das Forças Armadas que ignorava completamente. Por tal motivo, decidiu honrar a sua pátria, começou uma investigação por conta própria e discordava de todo e qualquer tipo de tortura ou morte decorrente das ações do exército. A razão principal dessa tomada de consciência foi seu amor por Irene, em especial quando a viu à beira da morte, sendo vitimada por um atentado:

Na mente de Morante se chocavam violentamente as palavras de Francisco com outras aprendidas em seus cursos de guerra. Pela primeira vez se encontrava junto às vítimas do regime, não entre os que exerciam o poder absoluto, e lhe tocava sofrê-lo onde mais o feria, nessa jovem adorada, imóvel entre os lençóis, cuja imagem estremecia sua alma como um sino repicando sem vida. Não havia deixado de amá-la nem um só momento, ao longo de sua vida e nunca a amou tanto como nesse momento, quando já a havia perdido (ALLENDE, 1991, p. 267).

É quando decide, finalmente, agir:

Os responsáveis por essas irregularidades são alguns oficiais que deviam ser castigados, mas a pureza da instituição está intata, Irene, em nossas fileiras há muitos homens como eu, dispostos a lutar pela verdade, a remover escombros até tirar todo o lixo e a morrer pela pátria se for necessário. [...] Quando saiu, o Noivo da Morte tinha os olhos secos, o olhar duro e o coração resolutivo. Ele a amaria para sempre e não voltaria a vê-la nunca mais.
- Não a deixem só, porque virão destruí-la. Já não posso protegê-la. – Preciso tirá-la daqui e escondê-la – foi tudo o que disse.
- Está bem – respondeu Francisco.
Apertaram-se as mãos com firmeza, longamente (ALLENDE, 1991, p. 267-268).

Muito decepcionado com o que ouviu de Francisco, sugeriu que Irene fosse tirada do seu país para não sofrer as consequências, já que era perseguida pelo regime. Francisco e Gustavo

agiram como amigos nesse episódio. Chamado de “O noivo da morte” pelo protagonista, Gustavo Morante, no final, acaba ocorrendo um episódio trágico:

Longe da capital, numa guarnição de província, Gustavo Morante seguia atentamente os acontecimentos, informava-se e punha seu plano em marcha. Quando colheu todas as evidências da ilegitimidade do regime, mobilizou-se em segredo entre seus companheiros de armas. Havia perdido suas ilusões, convencido de que a ditadura não era uma etapa provisória no caminho da injustiça. Não suportava mais o aparato repressivo ao qual servira com lealdade pensando sempre nos interesses da pátria. O terror, longe de propiciar a ordem, como lhe ensinaram nos cursos para oficiais, havia semeado um ódio cuja colheita seria fatalmente maior violência. Seus anos de carreira militar lhe proporcionaram um profundo conhecimento da instituição e decidiu empregá-lo para derrubar o General. Considerava que essa tarefa cabia aos oficiais jovens. Acreditava não ser o único a acalantar essas inquietações, porque o fracasso econômico, a acentuada desigualdade social, a brutalidade do sistema e a corrupção das autoridades superiores faziam outros militares refletir (ALLENDE, 1991, p. 288).

Gustavo Morante usou de seus conhecimentos para buscar o que queria. Ao dizer “decidiu empregá-lo para derrubar o General”, está referindo-se a Augusto Pinochet, quem aplicou o golpe em Allende e ficou como ditador no poder. Gustavo conheceu o outro lado das Forças Armadas – o da corrupção e o da repressão. Ao discordar de torturas, desaparecimentos, assassinatos e fazer investigações, acaba sofrendo as consequências:

Estava convencido de que havia outros como ele, desejosos de lavar a imagem das Forças Armadas e tirá-las da cova em que estavam metidas. Um homem menos audaz e apaixonado talvez tivesse conseguido seu objetivo, mas Morante tinha tanta urgência em obedecer aos impulsos de seu coração, que cometeu o erro de subestimar o Serviço de Inteligência, cujos tentáculos conhecia de sobra. Foi preso e sobreviveu 72 horas. Nem os mais peritos conseguiram obrigá-lo a delatar os nomes de outros implicados na rebelião, em vista do que o degradaram e como exemplo seu cadáver foi simbolicamente fuzilado pelas costas ao amanhecer. Apesar das precauções, a história vazou. Quando Francisco Leal soube do ocorrido, pensou com respeito no Noivo da Morte. Se nas fileiras do Exército existem homens assim, comentou, ainda há esperança (ALLENDE, 1991, p. 288-289).

Francisco passou a admirá-lo por tudo o que fez e por sua morte trágica, porém seu pai reiterou que, independentemente de existirem homens como Morante, o militarismo é um sistema perverso:

A insurreição não poderá ser sempre controlada, crescerá e se multiplicará dentro das casernas, até que as balas não consigam esmagá-la. Então os soldados se unirão à população da rua e, da dor assumida e da violência superada, poderá surgir uma nova pátria.

- Sonhas, filho! Embora haja militares como esse Morante, na essência as Forças Armadas não mudam. O militarismo já causou muitos males à humanidade. Deve ser eliminado – retrucou o Professor Leal (ALLENDE, 1991, p. 289).

Gustavo Morante, como militar, tinha por função servir à pátria e lutava por justiça, mas ele não sabia que esses ideais das Forças Armadas estavam corrompidos, pois o exército servia ao ditador, os militares fraudavam regras, além de usar a força, a tortura e a coação para conseguir o

que queriam. Havia, também, corrupção, escândalos e jogos de interesse por toda a parte. As ameaças aos adeptos ou simpatizantes de esquerda, considerados “inimigos”, eram feitas de forma velada, implícita e quem as descobrisse e resolvesse confrontar, caso do capitão Morante, sofria as consequências trágicas.

Como homem, Gustavo Morante tinha o papel de zelar pela sua família e, ainda, como uma pessoa de caráter, honrar os seus princípios de honestidade, lealdade, fraternidade e solidariedade ao próximo e foi o que fez com Irene ao zelar por sua vida, além de não trair, em nenhum momento, os princípios que o norteavam. Sua decepção com o exército foi imensa, pois acreditava que o respeito ao próximo e o zelo pela vida deveriam imperar em qualquer lugar.

Como pudemos ver nos excertos acima, dentro das Forças Armadas, havia uma minoria de militares contra a ditadura e a favor da democracia; Gustavo Morante era um deles, achava que a repressão não era o caminho e se decepcionou com a instituição à qual serviu; porém, pessoas como ele dentro dessas instituições são rapidamente excluídas ou mortas violentamente:

Até a terceira semana de agosto de 1973, o Alto Comando do Exército se achava dividido em torno de três correntes principais. A primeira, agrupada em torno do General Prats, exigia o respeito da institucionalidade democrática e, em consequência, o acatamento da autoridade política do presidente da república. A demissão de Prats, seguida da do general Sepúlveda – chefe da II Divisão – e da do general Pickering – chefe dos institutos militares de Santiago -, entre os dias 22 e 25 de agosto, privou este setor de poder real (GARCÉS, 1993, p. 243-244).

O general Prats, assim como a personagem Gustavo Morante, era a favor da democracia e contra qualquer tipo de golpe de Estado e repressão. Carlos Prats González era o Comandante-chefe do Exército chileno, cargo em que permaneceu por três anos, inclusive durante o governo Allende, e sempre prezou pela democracia e pelo respeito aos seus presidentes.

Para melhor compreender as razões da tragédia de Morante e com base nos livros de Emir Sader (1984), Joan Garcés (1993) e Roberto Simon (2021), contextualizaremos a ditadura antes de dar sequência à análise narrativa.

Um pouco sobre a ditadura chilena

Salvador Allende venceu a eleição chilena em junho de 1970. Médico, socialista, com boas ideias e certa experiência na política, obteve a maioria dos votos, despertando a animosidade de seus inimigos, os quais davam como certa a vitória de Alessandri. No poder, Allende implantou uma reforma agrária, que sofreu consideráveis boicotes, o que a impediram de ter êxito. A ela se refere Allende em *De amor e de sombra*:

Filha e neta de camponeses, Digna era prudente e desconfiada. Nunca acreditou nas palavras dos assessores e, desde o começo, soube que a reforma agrária acabaria mal. Sempre o disse, mas ninguém lhe prestou atenção. Sua família teve mais sorte do que os Flores, os verdadeiros pais de Evangelina, e do que muitos outros trabalhadores da terra que perderam as esperanças e a vida nessa aventura de promessas e confusões (ALLENDE, 1991, p. 20).

A princípio, o governo de Allende estava dando certo; porém, depois de um tempo, o país mergulhou em uma crise econômica profunda e os líderes dos movimentos de direita prepararam o golpe, desencadeado em 12 de setembro de 1973, data em que o Palácio de La Moneda foi invadido pelas Forças Armadas. Allende foi obrigado a entregar o poder ante a violenta pressão dos militares, a qual culminou no seu suicídio. Emir Sader afirma em seu livro, *Democracia e ditadura no Chile* (1984), que o golpe em Salvador Allende foi algo cujos preparativos se arrastaram durante o seu governo:

O golpe militar não foi um raio num céu azul. Nuvens negras foram se acumulando no horizonte logo ao fim do primeiro ano do governo de Allende, que por sua vez já era a derradeira tentativa de resgatar um sistema político em crise acelerada a partir da metade dos anos 60. Não foi necessário muito tempo para evidenciar-se a dimensão do novo projeto social e político que a alta oficialidade das Forças Armadas chilenas trazia no bolso dos seus uniformes e na ponta das suas baionetas. A profundidade das transformações que a ditadura de Pinochet introduziu no país e a violência brutal que tiveram de utilizar para chegar ao poder e se preservar nele são proporcionais à dimensão da crise que o Chile vivia (SADER, 1984, p. 15-16).

Os Estados Unidos da América e o Brasil, o qual era um trunfo na estratégia americana, estavam por trás de todo o plano segundo Simon (2021). Por suas dimensões gigantescas e pela submissão aos interesses norte-americanos, o Brasil era visto não apenas como um país respeitado, mas como um país influente na América Latina. Salvador Allende tinha como uma de suas pautas, logo que venceu as eleições, tomar como base o golpe brasileiro em 1964 para que isso não se repetisse no restante da América Latina afirma Simon (2021). Solidário com João Goulart e com os participantes do campo democrático no Brasil, costumava conversar com o ex-presidente brasileiro e participou até mesmo de um ato em solidariedade ao Brasil como vemos na passagem do já citado livro *O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul* (2021):

A ruptura da ordem no Brasil tampouco escapou à atenção do doutor socialista. Com o golpe contra João Goulart, o Brasil se tornou uma das causas de Allende. Em dezembro de 1964, ele viajou a Montevidéu, à frente de uma delegação de políticos e sindicalistas chilenos, para se encontrar com Jango. À época, o início de seu exílio, o presidente deposto pelos militares vivia em um apartamento perto do parque Villa Biarritz. [...] O fracasso do janguismo era como ‘uma montanha que afunda, deixando um vazio enorme, insubstituível’, teria afirmado Allende aos companheiros brasileiros numa das conversas. Na mesma viagem a Montevidéu, ele participou de um ato com 5 mil pessoas em solidariedade ao Brasil, na avenida Dezoito de Julho [...].

Allende denunciou o apoio americano ao golpe brasileiro ('uma ação dirigida, controlada e orientada dos Estados Unidos') (SIMON, 2021, p. 51).

De fato, Allende denunciou vigorosamente esse golpe, pois os EUA interferiam na política alheia, tentando impor um controle absoluto sobre o continente. Temendo que os demais países aderissem ao socialismo a exemplo do Chile, colocaram em prática o plano de derrubá-lo.

Como "centro" do poder econômico, político e social de todo o continente americano, os Estados Unidos consideravam os países da América Latina periféricos e tratavam-nos como uma periferia condenada à submissão.

Controlavam a América Latina, como ficou claro na intervenção política chilena que derrubou Allende, porque, para o país norte-americano, não existia nada pior do que mais um esquerdista governando. O Chile era o principal exportador de Petróleo, dentre outros produtos, para os EUA de acordo com Garcés (1993). Pinochet, ditador chileno que permaneceu no poder durante os 17 anos da ditadura militar no país, era um aliado servil do governo americano:

O golpe de Pinochet guarda semelhança com alguns traços dominantes das intervenções militares mais modernas nos países dependentes da América do Norte. Situa-se dentro da linha operativa aplicada pelos Estados Unidos desde 1961 à defesa hemisférica: instrumentalizar as instituições militares como forças de ordem interna e de conservação social (GARCÉS, 1993, p. 57).

No trecho acima, como pudemos observar, as Forças Armadas ganham um destaque: elas têm o poder legal, ou seja, o apoio do Estado, dando início à fase bélica; o exército passou, então, a atuar como um fator político na medida em que surgia um aumento da imaturidade ou instabilidade da estrutura social e política, ainda que as Forças Armadas não representassem nem uma luta de classes nem uma sociedade específica. Consoante Garcés (1993), apesar disso, durante o governo Allende houve uma tentativa de busca pela harmonização entre as Forças Armadas e a política geral do governo; Salvador Allende lançou um plano político envolvendo aspectos sociais, econômicos, políticos e ideológicos a favor da população, tentando assegurar os direitos dos trabalhadores, embora tivesse plena consciência de que a direita chilena e o governo norte-americano preparavam um golpe. Allende tinha como plano alinhar os setores sociais no final do ano de 1970 para que a nacionalização da burguesia e do capital estrangeiro contassem com o apoio do eleitorado. Apesar do boicote e da sabotagem da direita, ele governou da melhor forma possível. Após o golpe, o cenário no Chile era, de acordo com Garcés (1990, p.118): exílio em massa; aumento da inflação nos doze meses seguintes ao golpe; aumento do desemprego de 3% para 15%; queda de 60% do poder aquisitivo, desvalorização da moeda nacional chilena em 4000%; expulsão de 25% a 60% dos alunos e professores em Universidades. E ainda completa:

Como explicar semelhante catástrofe, quando o mínimo que se pode dizer é que sua possibilidade sempre esteve presente na mente do governo e seus meios de concretização foram reiteradamente denunciados? Alguns pensam que isto é uma espécie de *fatum* que se segue a toda tentativa de mudar um regime social. Deixemos de lado as explicações providencialistas e também as deterministas. Busquemos outros critérios de compreensão. Detrás de cada batalha perdida há concepções táticas ou estratégias equivocadas (GARCÉS, 1990, p. 118. *Grifo do autor*).

O plano de assassinar Salvador Allende foi liderado pela extrema direita; a catástrofe, mencionada na passagem acima, foi toda planejada por inimigos do presidente socialista chileno - dentre eles, Augusto Pinochet - e sabiam exatamente o que fazer; Allende não queria uma guerra civil nem derramamento de sangue, ele acreditava em civilidade e achava que a vontade do povo deveria ser respeitada.

Personagens no contexto ditatorial

A ditadura no Chile durou de 1973 a 1990, 17 anos. A obra *De amor e de sombra* (1991) foi lançada pela primeira vez em 1984, época em que ainda havia ditadura no país, conforme já dissemos, e nela evidencia-se esse cenário do golpe e o exílio das personagens Irene e Francisco, que, por colaborarem com o Serviço Secreto, precisavam deixar o país para não serem mortos.

A investigação contra o regime começa quando ambos vão à procura de Evangelina Ranquileo e presenciam a cena de seu ataque:

Ao meio-dia Evangelina caiu sobre a cama. Seu corpo se estremeceu e um profundo, longo e terrível gemido a percorreu inteira, como um chamamento de amor. Começou a se agitar convulsivamente e se arqueou para trás num esforço sobre-humano. [...] A cama se remexeu e Irene, apavorada, percebeu que também a mesa, a dois metros de distância, adquiria movimento próprio sem a mediação de qualquer força conhecida. O susto venceu sua curiosidade e achegou-se a Francisco em busca de proteção, tomou-o pelo braço e se apertou a ele sem tirar os olhos do espetáculo demente que se desenrolava sobre o leito, mas seu amigo a afastou com suavidade para manobrar a câmera (ALLENDE, 1991, p. 80).

O ocorrido com a menina atrai curiosos e, como seu irmão Pradelio é do Exército, ele chama os seus colegas para irem lá presenciar a cena e tentam contê-la com o treinamento que receberam – espancar, torturar etc. Chegando lá, Irene enfrenta-os corajosamente e Francisco tenta protegê-la:

- Selvagens! Animais! Não têm respeito? Não vêem que podem matar alguém?
Francisco correu para ela, convencido de que lhe meteriam uma bala entre os olhos, mas comprovou assombrado que o oficial ria.
- Não fiques nervosa, belezoca, disparamos para o ar.
- Por que me tuteias? E antes de tudo que fazem vocês aqui? – repreendeu-o Irene sem poder controlar seus nervos.
- Ranquileo me contou de sua irmã e eu lhe disse: lá onde fracassam os padres e os doutores, triunfam as Forças Armadas. Disse-lhe isso e por isso estamos aqui. Agora veremos se continua esperneando quando levar essa menina presa! (ALLENDE, 1991, p. 83).

Após o ataque, o que sucede é uma cena terrível em que o Tenente Juan de Dios Ramirez avança sobre a menina e ela o atira aos protestantes, além de dar uns bons pontapés nele. Assustada, a Guarda vai embora. Irene lança a reportagem no jornal e o caso vira conhecido nacionalmente. Mais tarde, Evangelina seria levada pelas Forças Armadas e, mais uma vez, Irene e Francisco participariam de toda a investigação do caso colhendo depoimentos - inclusive o da outra Evangelina, de sobrenome Flores. Ambas nasceram na mesma data e foram trocadas no hospital: a família Ranquileo criou Evangelina Flores e a família Flores criou Evangelina Ranquileo, elas foram criadas juntas, como se fossem irmãs - e encontram o corpo de Evangelina Ranquileo quase irreconhecível em uma mina:

Francisco conseguiu tirar pedras e remover a terra, até descobrir o corpo completo de Evangelina Ranquileo Sánchez. [...] Encontrava-se em tal estado de deterioração, apodrecendo em caldos em que os vermes se nutriam, fermentando em sua própria desolação, que ele teve de recorrer a um esforço terrível para controlar as náuseas e seguir adiante. Não era homem de perder o controle com facilidade, havia realizado experiências profissionais com cadáveres e podia dominar seu estômago, mas até então nunca estivera diante de um espetáculo semelhante (ALLENDE, 1991, p. 204).

A proximidade entre Francisco e Irene, iniciada no trabalho que desenvolveram, confluíu para o surgimento do amor entre eles; embora Francisco, desde a primeira vez que viu Irene, tenha se apaixonado por ela.

Amor, companheirismo e cumplicidade os uniam com muita maturidade, tornando-os, aos olhos do leitor, personagens corretas nas suas atitudes e verdadeiramente cativantes. Por Irene, Francisco era capaz até mesmo de suportar os insultos de Beatriz:

- É tua culpa! Desde que apareceste na vida da minha filha começaram os problemas! – acusou-o Beatriz logo que o viu.
Estava aniquilada, fora de controle. Francisco teve para ela um impulso de simpatia, porque pela primeira vez a via sem artifícios, em carne viva, sólida, humana, doída, próxima. A senhora se deixou cair num banco e chorou até esvaziar todas as suas lágrimas. Não entendia o que aconteceu. Desejava crer que era um ato de delinquência comum, como assegurou a polícia, porque não suportava a ideia de que pudessem perseguir sua filha por razões políticas. Não tinha a menor ideia da sua participação no achado dos corpos na mina e não queria imaginá-la envolvida em assuntos suspeitos contra a autoridade. Francisco foi buscar duas xícaras de chá e se sentaram juntos a bebê-las em silêncio, unidos pela mesma sensação de naufrágio (ALLENDE, 1991, p. 262-263).

A jornalista foi baleada por estar investigando as torturas, mortes e sumiços da Ditadura e, em especial, a morte de Evangelina Ranquileo, o sumiço do tenente Pradelio Ranquileo e a morte do Sargento Faustino Rivera, que havia revelado a Irene o assassinato de Evangelina Ranquileo cometido pelo tenente Ramírez. A passagem em que a protagonista é baleada é comovente, pesada e triste:

Trinta horas depois da morte do Sargento Faustino Rivera, Irene foi baleada na porta da editora. Saía de seu trabalho, já tarde, quando um automóvel estacionado na calçada em frente pôs em marcha, acelerou e passou a seu lado como um vento fatídico disparando uma rajada de metralhadora antes de se perder no tráfego. Irene sentiu um golpe terrível no coração e não soube o que havia acontecido. Desmaiou sem um grito. Todo o ar se esvaziou de sua alma e a dor a avassalou inteiramente. Teve um instante de lucidez no qual conseguiu apalpar o sangue crescendo em sua volta, em um charco incontrolável e em seguida mergulhou no sonho (ALLENDE, 1991, p. 261).

O que se sucede a isso é o desespero de todos que convivem com Irene e com maior intensidade em Francisco, que nutre por ela um sentimento quase de adoração:

Francisco Leal soube por casualidade duas horas mais tarde, quando ligou para sua casa para convidá-la a jantar, porque haviam passado vários dias sem se encontrar a sós e o amor já o afogava. Chorando no telefone, Rosa lhe comunicou a notícia. Esta foi a noite mais longa de sua vida. Passou-a sentado junto a Beatriz num banco no corredor da clínica, diante da porta de terapia intensiva, onde sua amada deambulava perdida nas sombras da agonia. Depois de várias horas na sala de operações, ninguém imaginava que sobreviveria. Ligada a meia dezena de tubos e cabos aguardava sua morte (ALLENDE, 1991, p. 262).

O narrador onisciente revela as emoções devastadoras vivenciadas por Francisco, quando Irene permanecia à beira da morte: “Transtornado, tentou salvá-la através da força da sua paixão. Exorcizou a fatalidade com a recordação de seu gozo, opondo às trevas da agonia a luz de seu encontro” (ALLENDE, 1991, p. 264).

Ao longo da narrativa, revela-se a personalidade de Francisco, homem de coragem, honesto, capaz de se mobilizar contra a opressão, demonstrando disposição em para ajudar o próximo e lutar pelos oprimidos:

Francisco entrou em contato com grupos organizados para tirar fugitivos por uma fronteira e introduzir membros da oposição pela outra. Mobilizava dinheiro para ajudar os sobreviventes escondidos e para comprar alimentos e remédios, recolhia informação a ser enviada ao estrangeiro, escondida na sandália de frades e perucas de bonecas (ALLENDE, 1991, p. 220).

Apesar da gravidade dos ferimentos, Irene recupera-se lentamente e pede para que Francisco entregue fitas em que havia gravado os depoimentos sobre desaparecimentos e mortes para o Cardeal da Igreja Católica:

As fitas gravadas por Irene Beltrán continham suas conversas com Digna e Pradelio Ranquileo, o Sargento Faustino Rivera e Evangelina Flores.

- Leve-as ao Cardeal para que as usem no julgamento dos guardas – pediu a Francisco.
- Tua voz está nelas, Irene. Se te identificam, será tua condenação à morte.
- Me matarão de todos os modos, se puderem fazê-lo. Deves entregá-las.
- Antes tenho que te pôr a salvo.
- Então chame Mario, porque esta tarde saio daqui (ALLENDE, 1991, p. 280-281).

Importante lembrar que a Igreja Católica teve participação importante na resistência contra a ditadura: muitos padres, bispos e cardeais opunham-se, mais ou menos veladamente, ao regime, ajudando as vítimas como podiam, a exemplo do Cardeal e do padre José Leal, irmão de Francisco.

Francisco dá às gravações o destino solicitado por Irene e combina com o Cardeal que a entrega ao Tribunal Militar seja feita após o restabelecimento de Irene, para que possam empreender a fuga a tempo:

Francisco e José Leal entregaram as gravações de Irene ao Cardeal. Sabiam que assim que chegassem às mãos do Tribunal Militar, a jovem seria identificada e presa. Por isso deviam pô-la em lugar seguro o quanto antes possível.

- Quantos dias precisam para fugir? – perguntou o prelado.

- Uma semana até que possa caminhar sem ajuda.

Combinaram assim. O Cardeal mandou reproduzir as fitas e sete dias depois distribuiu as cópias entre a imprensa e entregou os originais ao promotor. Quando quiseram eliminar as provas, já era tarde, porque as entrevistas apareciam publicadas nos jornais e davam volta ao mundo, levantando uma vaga de repúdio unânime. [...] A jornalista foi intimada a prestar declarações em repetidas oportunidades e a Polícia Política a procurou com extremo empenho, mas não pôde encontrá-la (ALLENDE, 1991, p. 287).

Independentemente da força que os jornais estivessem ganhando para denunciar os horrores do período e do empenho de Irene e Francisco para ajudar na divulgação, Beatriz continuou fiel ao regime militar e não queria saber o que acontecia de fato; aliás, era conveniente para ela não saber de nada, nem mesmo o ocorrido com sua filha fez perceber o horror que praticamente toda a população estava vivendo. Sendo uma mulher fria e alienada aos problemas por opção, preferiu fingir acreditar que Irene viajou ao exterior porque queria e não porque não havia possibilidade de sobrevivência para ela no Chile, assim:

Beatriz não se pôs a par dos acontecimentos do país porque na imprensa só lia as notícias agradáveis. [...] Foi a única que, ao escutar de novo o bater das painéis ressoando em diferentes bairros da cidade, acreditou que apoiavam a ação dos militares, como nos tempos do governo anterior, incapaz de compreender que o povo se valia do mesmo recurso contra o que os inventaram (ALLENDE, 1991, p. 273).

O violento golpe foi cuidadosamente tramado pelos movimentos de direita desde o início do governo Allende. Uma parte reduzida da população agia como Beatriz e sentia-se como ela, que apoiava o militarismo e aplaudia o golpe, acreditando que o comunismo havia acabado no Chile. Como afirma Garcés:

Para desencadear a guerra, a direita vinha alimentando desde 1970 uma campanha psicológica de ódio contra a esquerda, seu programa, sua realização e seu governo. Em 1972 conseguiu criar os instrumentos sociopolíticos e militares indispensáveis para a adoção da tática insurrecional. Só lhe restava insistir algumas vezes até que surgisse a oportunidade de abrir fogo (GARCÉS, 1993, p. 257).

A tortura física e/ou psicológica, a censura aos meios de comunicação e também ao que é divulgado (as fitas de Irene seriam censuradas pelo regime), a perseguição aos “inimigos” e as mortes violentas que ocorrem, os desaparecimentos e até mesmo o exílio são elementos comuns presentes nas ditaduras. Quem não fosse considerado amigo, ou seja, quem não fosse um aliado ou

apoiador do governo, enfim, quem aparentasse ser “suspeito”, sofreria as graves consequências. Infelizmente, muitos estabelecimentos, escolas e casas foram invadidos a fim de que se achasse provas contra os que eram considerados “subversivos” e algumas universidades foram fechadas porque, segundo o comando militar, nesses lugares, o comunismo imperava. A violência da repressão consistiu em um verdadeiro terrorismo de Estado, conforme diz Emir Sader:

Se os métodos repressivos foram calcados nos brasileiros, a escala da sua aplicação ganhou contornos sociais que a transformaram numa ação do Estado contra a sociedade civil no seu conjunto. Calcula-se que cerca de 20 mil pessoas foram mortas ou ficaram desaparecidas, vítimas da instauração violenta do regime militar, que além disso provocou centenas de milhares de presos e exilados. A tortura foi elevada à categoria de regra de procedimento dos vários organismos repressivos, e o terrorismo de Estado se implantou no novo Chile (SADER, 1984, p. 38).

Sendo assim, Irene e Francisco exilam-se; pois, para se sentirem seguros, deveriam instalar-se em outro país. Nas últimas páginas, o narrador insere um certo lirismo, capaz de comover os leitores, na figura de Mario, o cabeleireiro homossexual que trabalhava na revista e era muito amigo do casal. Mario abrigou Irene, clandestinamente, até que ela se restabelecesse para poder seguir viagem, e os ajudou nas providências para a fuga, ao alterar o visual de ambos:

Francisco se surpreendeu tratando de recordar o tom do cabelo de Irene, que tanto o fascinara. Havia chegado o momento de eles abandonarem o mundo conhecido e fazerem parte dessa imensa vaga itinerante própria de sua época: desterrados, emigrantes, exilados, refugiados (ALLENDE, 1991, p. 290).

Tomando todas as precauções para não serem descobertos pelos agentes da ditadura, Mario convidou os pais e o irmão de Francisco para um jantar de despedida do casal.

Foram comoventes os últimos momentos em família, quando Francisco tratou de confortá-los, ainda que sentisse uma dor no coração ao partir. O professor e Hilda, pai e mãe do jovem, nem tentaram ocultar a apreensão quanto ao futuro:

O professor chamou Francisco de lado. Estava muito comovido, abraçou-o com olhos aflitos, trêmulo. Tirou do bolso um pequeno objeto e passou-o envergonhado: era sua régua de calcular, único tesouro para simbolizar o desamparo e a dor dessa separação.
- É só uma recordação, filho. Não serve para calcular a vida – disse com voz rouca (ALLENDE, 1991, p. 291-292).

Em outro trecho, vemos a dor de Hilda, mãe do protagonista por ter de se separar do filho:

Hilda, sentada ao lado do filho mais querido, fitava-o com o olhar, gravando para sempre em sua memória os traços de seu rosto, a expressão de seu olhar, as finas rugas ao redor dos olhos, a forma comprida e firme de suas mãos. Sustentava entre seus dedos a faca e o garfo, mas seu prato estava intato. Severa com sua própria dor, continha as lágrimas, mas não podia ocultar sua aflição. Francisco cingiu com um braço os ombros de sua mãe e a beijou na fronte, tão emocionado como ela.

[...]

- Quando nos veremos de novo?

- Logo, estou certo. Até então estaremos juntos em espírito, como sempre estivemos... (ALLENDE, 1991, p. 292-293).

Apesar da necessidade urgente de fugir do país, fato com o qual Irene, principalmente, teria muita dificuldade para lidar, nas páginas finais, percebemos angústia e, ao mesmo tempo, alívio do casal por estarem a salvo. Restou ainda tristeza pelo rumo posterior dos acontecimentos:

Na frente cavalgava o guia, atrás ia Irene e fechava a fila Francisco, sem tirar os olhos de sua amada, alerta a qualquer sinal de fadiga ou dor, mas a jovem não dava mostras de cansaço. Deixava-se levar pelo passo sereno da mula, os olhos perdidos na prodigiosa natureza que a rodeava, a alma em lágrimas. Ia se despedindo de seu país. Junto a seu peito, sob a roupa, tinha a bolsinha com terra de seu jardim que Rosa lhe enviara para plantar um não-me-esqueças do outro lado do mar. Pensava na importância de sua perda. Não voltaria a percorrer as ruas de sua infância, nem a ouvir o doce acento de sua língua nativa; não veria o perfil de seus montes ao entardecer, nem a embalaria o canto de seus próprios rios, não teria o aroma de alfavaca em sua cozinha nem da chuva se evaporando no teto de sua casa. Não só perdia Rosa, sua mãe, os amigos, o trabalho e seu passado. Perdia sua pátria.
- Meu país..., meu país... – soluçou. Francisco apressou seu cavalo e pondo-se a seu lado pegou-lhe a mão (ALLENDE, 1991, p. 301-302).

A cena é muito simbólica: Irene lembra-se de todos os momentos vividos, sente por deixar aqueles que ama, o seu país, que não era mais o mesmo, e as suas conquistas profissionais. Francisco, ao pegar na sua mão, deixa subentendido que passarão juntos por todas as dificuldades que enfrentarão. A esperança toma conta dele, embora saiba o perigo que ainda paira sobre sua pátria, o caos em que continuarão vivendo seus amigos e familiares, além de tudo que deixaram para trás:

- Ali está a fronteira – disse o guia indicando um ponto na distância.
- Então aqui nos separamos – decidiu Francisco. – Do outro lado haverá amigos nos esperando.
- Deverão passar a pé. Sigam as marcas das árvores e não poderão se perder, é um caminho seguro. Boa sorte, companheiros...
Despediram-se com um abraço. O vaqueano retornou com os animais e os jovens puseram-se a andar até a linha invisível que dividia essa imensa cadeia de montanhas e vulcões. Sentiam-se pequenos, sós e vulneráveis, dois navegantes desolados em um mar de cumes e nuvens, num silêncio lunar; mas também sentiam que seu amor havia adquirido uma nova e formidável dimensão e seria sua única fonte de vigor no exílio (ALLENDE, 1991, p. 302-303).

Na última cena, reafirmam a certeza de que logo mais estarão de volta a sua pátria tão querida e amada para ficarem junto aos seus:

Na luz dourada do amanhecer pararam para ver sua terra pela última vez.
- Voltaremos? – murmurou Irene.
- Voltaremos – respondeu Francisco.
E nos anos que se seguiram, essa palavra indicaria seus destinos: voltaremos, voltaremos... (ALLENDE, 1991, p. 303).

Considerações Finais

Ao longo do artigo, pudemos perceber que se trata de um romance histórico em que, naturalmente, a historicidade está presente, misturando fatos à ficção.

Manifesta-se a ditadura chilena, como contexto que percebemos por conta das menções a figuras como Salvador Allende, primo de Isabel e presidente chileno deposto pelo golpe, ainda que não seja nomeado. Vemos, também, tortura, morte e muita luta por parte das personagens. Gustavo Morante, por exemplo, é um capitão do exército que não concorda com as atrocidades do regime militar e, com suas investigações, descobre coisas horrendas; posteriormente, é preso, não presta esclarecimentos sobre alguns de seus colegas que o ajudaram e é executado em praça pública. Evangelina Ranquileo e sua família, assim como seu irmão Pradelio, também são mortos pelo regime. Irene, a protagonista, por estar fazendo as investigações, é perseguida e vítima de um atentado, mas, felizmente, sobrevive e parte para o exílio com Francisco, ambos ansiosos para regressar um dia à pátria que se tornou um lugar violento, em que qualquer luta por liberdade ou justiça será cruelmente combatida pelo regime autoritário que lhe foi imposto.

Francisco e Irene começaram investigações por conta própria para tentar esclarecer o desaparecimento de Evangelina Ranquileo; aliás, ambos ficaram mais próximos graças a esse episódio. A menina, de certa forma, é quem os uniu. Francisco logo se apaixonou por Irene; ela, porém, descobriu o amor por ele mais tarde e, estando noiva de Gustavo Morante, sem nenhum entusiasmo, decidiu terminar o noivado com o capitão para viver esse amor.

A princípio, talvez possa parecer estranho para o leitor pessoas de mundos tão diferentes, em níveis de ordem econômica e social, pensamentos e vivências, relacionarem-se com tal intensidade. Beatriz Beltrán, mãe de Irene, é fiel ao governo até o fim, nem mesmo o atentado à filha é capaz de fazê-la enxergar a violência do regime ditatorial. Criada em tal contexto familiar, Irene foi alertada para o perigo por Francisco, estabelecendo com ele uma relação baseada no amor, no companheirismo, na lealdade, na fidelidade e no respeito.

Percebemos em nosso estudo a importância do referencial bibliográfico, sem o qual seria impossível compreender diversos aspectos da obra de Isabel Allende, assim como de suas personagens.

Esperamos que esse estudo seja um convite à reflexão para pensarmos a História e a Literatura juntas: como uma está presente na outra, qual é o elo entre as duas e como elas nos permitem, com representações ficcionais o do nosso passado, melhor compreender o presente e futuro.

Referências

ALLENDE, Isabel. **Biografia**. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/>. Acesso em 01 fev. 2021.

ALLENDE, I. **De amor e de sombra**. Tradução de Sueli Bastos. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GARCÉS, J. **Allende e as armas da política**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

HISTORICIDADE. In: **PRIBERAM dicionário on-line**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/historicidade>. Acesso em 13 out. 2021.

Isabel Allende ganha Prêmio Liber 2020. **Publishnews**. São Paulo, 30 de set. 2020.

SADER, E. **Democracia e Ditadura no Chile**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SIMON, R. **O Brasil contra a democracia: a ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TREVISAN, Ana Lúcia. Imagens do insólito e do maravilhoso: construções da historicidade na literatura hispano-americana. **Revista A Cor das Letras**, n. 15, 2014.

VALENTIM, Laís Gerotto de Freitas. **O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende: uma análise**. Dissertação (Mestrado em Letras), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2022.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**. Ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio C. de Franca Neto. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

Recebido em: 01 de julho de 2022.

Aprovado em: 18 de agosto de 2022.